

colunistas

O MÊS QUE NÃO TERMINOU – CINEMA E INTELIGÊNCIA

Sem decifrar 2013, filme padece de solução narrativa própria

EDUARDO ESCOREL

23out2019_07h43



Em *Desnecessidade da Inteligência*, Paulo Emílio Sales Gomes escreveu: “Se tomarmos [...] o cinema como conjunto inseparável de inúmeras atividades diversas e se o examinarmos historicamente, é bastante provável que encontraremos muito mais inteligência mobilizada nos campos da indústria e do comércio do que no plano da criação artística e da atividade intelectual que a critica.”

Nesse mesmo artigo, de 1963, Paulo Emílio escreve ainda: “Tudo ocorreu como se durante algumas décadas a criação cinematográfica negligenciasse a destreza intelectual indispensável à literatura romanesca e teatral. [...] Ao fato intrigante da desimportância da inteligência devemos a surpresa com laivos de decepção que nos causa o conhecimento pessoal de grandes homens do cinema, como Pabst, Renoir, Pudovkin, Stroheim, o maior deles, e certamente, o menos inteligente.”

Paulo Emílio se refere ao período da história do cinema anterior à Segunda Grande Guerra, como ele a denomina, deixando claro que a “pouca inteligência na criação cinematográfica durante tantas décadas era expressão de desnecessidade e não de mediocridade. Não influiu na qualidade artística dos filmes. [...] Procura-se levar a sério alguns instantes de maior vivacidade num panorama tradicionalmente medíocre mas se vislumbra a mágoa provocada pelo divórcio profundo entre os espíritos mais altos do século e as coisas do cinema. [...] o fato de um Eisenstein ou um Orson Welles aparecerem, devido à qualidade rara de seus cérebros, como figuras excepcionais no mundo dos criadores cinematográficos, não invalida a obra de outros vinte ou mais nomes que lhe são artisticamente equivalentes”.

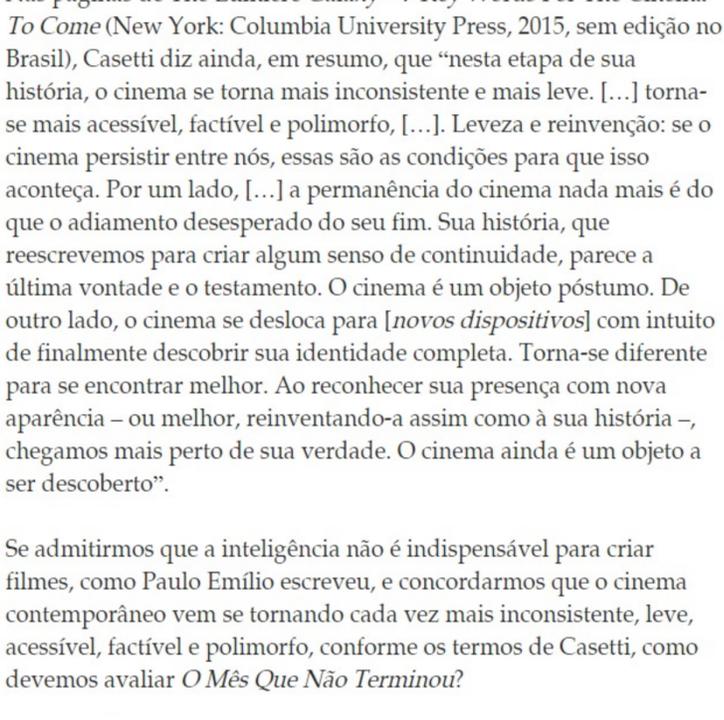
A lembrança de *Desnecessidade da Inteligência*, do qual fiz uma síntese aqui no site em 2010, foi despertada depois de assistir a *O Mês Que Não Terminou*, de Francisco Bosco e Raul Mourão, documentário que estreou ontem na 43ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, e terá mais duas sessões, uma hoje, outra na sexta-feira, mas ainda não tem data de lançamento comercial acertada.

A overdose de inteligência em cada um dos 104 minutos de *O Mês Que Não Terminou* me levou a questionar se, na atualidade, mais do que nunca, o cinema seria o meio adequado para reflexões intelectuais de envergadura. Ou, em outros termos, a perguntar: cinema e inteligência são compatíveis?

Ao comentar as transformações ocorridas no cinema com o advento das tecnologias digitais, Francesco Casetti, professor de cinema e mídia na Universidade Yale, escreve que “uma plateia concentrada assistindo [a um filme] não pode mais ser considerado algo [que esteja] garantido; pelo contrário, o ato de acompanhar um filme é uma ação cada vez mais solitária e superficial. Exagerando só um pouco, poderíamos dizer que o desaparecimento do escuro [da sala de projeção] pode sinalizar a dissolução da própria experiência cinematográfica [...]”.

Nas páginas de *The Lumière Galaxy – 7 Key Words For The Cinema To Come* (New York: Columbia University Press, 2015, sem edição no Brasil), Casetti diz ainda, em resumo, que “nesta etapa de sua história, o cinema se torna mais inconsistente e mais leve. [...] torna-se mais acessível, factível e polimorfo, [...]”. Leveza e reinvenção: se o cinema persistir entre nós, essas são as condições para que isso aconteça. Por um lado, [...] a permanência do cinema nada mais é do que o adiamento desesperado do seu fim. Sua história, que reescrevemos para criar algum senso de continuidade, parece a última vontade e o testamento. O cinema é um objeto póstumo. De outro lado, o cinema se desloca para [novos dispositivos] com intuito de finalmente descobrir sua identidade completa. Torna-se diferente para se encontrar melhor. Ao reconhecer sua presença com nova aparência – ou melhor, reinventando-a assim como à sua história –, chegamos mais perto de sua verdade. O cinema ainda é um objeto a ser descoberto”.

Se admitirmos que a inteligência não é indispensável para criar filmes, como Paulo Emílio escreveu, e concordarmos que o cinema contemporâneo vem se tornando cada vez mais inconsistente, leve, acessível, factível e polimorfo, conforme os termos de Casetti, como devemos avaliar *O Mês Que Não Terminou*?



Bosco e Mourão propõem desvendar a origem das manifestações de junho de 2013 e os desdobramentos nos anos seguintes que culminaram na eleição de 2018, em que 57 milhões de votos foram dados a um capitão reformado do Exército, veterano deputado federal de extrema direita, notoriamente despreparado para ser presidente da República.

A relevância do tema é inquestionável, mas a dificuldade na tarefa de dar conta em um filme do que nos levou ao resultado da eleição presidencial e suas desastrosas consequências é diretamente proporcional à sua importância. Para agravar o desafio, os diretores recorreram a uma narração quase ininterrupta que, apesar de engenhosa, é difícil assimilar, mesmo Fernanda Torres se revelando excelente narradora. A esse comentário perpétuo em voz *off* são entremeadas entrevistas de intelectuais brilhantes, homens e mulheres – professores, economistas, filósofos, psicanalistas, cientistas políticos etc. Como é cada vez mais usual no cinema documentário, porém, tamanhas demonstrações de inteligência, quando reduzidas na edição a umas poucas frases espalhadas pelo filme, perdem valor e terminam ficando diluídas.

Distribuídos ao longo de *O Mês Que Não Terminou*, alguns vídeos de artistas conceituados e um acervo de cenas de arquivo, composto em grande parte de fotografias, completam o filme. O resultado é um documentário essencialmente oral, no qual, excetuadas as contribuições de videastas, a imagem é subordinada ao áudio que, devido à fartura, torna-se de difícil assimilação.

Entre texto e filme, visto cada vez mais de forma pouco concentrada, há um abismo em termos de profundidade e alcance difícil de vencer. Quanto mais inteligente a expressão verbal, maior a dificuldade de ajustá-la à inconsistência, leveza e acessibilidade que, nos termos de Casetti, tornou-se característica dominante do cinema contemporâneo, mas que, na verdade, sempre existiu.

No caso de *O Mês Que Não Terminou*, como acontece em muitos filmes, cinema e inteligência comprovam ser incompatíveis. O acúmulo excessivo de inteligência prejudica os objetivos do documentário. Junho de 2013 e o fortalecimento da direita permanecem como enigmas a serem decifrados, ao menos no que diz respeito às abordagens em filmes brasileiros.

No final do artigo *Desnecessidade da Inteligência*, Paulo Emílio indica que em algum momento depois do fim da Segunda Grande Guerra “o que ocorreu [...] foi parte de um acontecimento muito mais geral, a inelutável irrupção da inteligência na criação cinematográfica”. Confirmando sua atração pelo paradoxo, ele publicou na semana seguinte *Gosto pela Inteligência*, no qual começa afirmando que “apesar de não a possuir no grau que me conviria, sempre gostei muito da inteligência”, e termina dizendo que “da necessidade da inteligência é tema que exige reflexão suplementar”.

A peculiaridade de *O Mês Que Não Terminou* é demonstrar que a “irrupção da inteligência”, mesmo quando excessiva, pode não excluir certa falta de inteligência.

Do excesso tratei acima.

Quanto à falta, neste caso ela se revela na escolha da forma convencional desgastada – a do documentário narrado em *off* com depoimentos de luminares intercalados. Ou seja, na ausência de uma solução narrativa própria, equivalente às contribuições videográficas incluídas no filme e adequada ao tema focalizado.

